

Nossa Senhora, a primeira no coração dos Brasileiros

Por: Maria Clara Bingemer

Os escritos mais tradicionais sobre Maria, a mãe de Jesus deixam transparecer de maneira bem nítida uma transposição por parte do povo católico para a pessoa de Nossa Senhora de uma lacuna divina feminina e materna dolorosamente sentida. A concepção de ser humano que está por trás desta mariologia carrega consigo as limitações das quais padeceu a vida eclesial no Ocidente desde muito cedo. É uma concepção muito centrada no homem-varão, dele fazendo o modelo do humano e, portanto, igualmente, modelo da imagem do divino. É também, em boa parte, dualista em sua concepção que dissocia o corpo do espírito, privilegiando este sobre aquele. Separa o histórico e o temporal do eterno e escatológico, colocando a Revelação e a História da Salvação como uma dimensão acima e além da história real, cronológica, factual, sem possível diálogo de uma com a outra. É unidimensional, fazendo do humano (e, portanto, também do divino) uma definição predeterminada e fechada, excluindo a riqueza pluridimensional e dinâmica do revelado e querido por Deus.

Maria de Nazaré, e a reflexão que sobre ela se fez, portanto, na teologia católica sobretudo, esteve profundamente marcada por esse pano-de-fundo antropológico e teológico que teve ambíguas conseqüências. Pois, por um lado, em termos da teologia acadêmica e científica, desenvolveu-se uma mariologia que de certa maneira isolava e dividia as dimensões humana e transcendente de Maria, colocando-a mais do "outro" lado do céu, junto ao trono da divindade e compartilhando de sua majestade e inacessibilidade. Por outro lado, por parte do povo católico mais simples, crescia uma devoção a Maria de Nazaré - a Nossa Senhora dos muitos nomes (da Conceição, de Copacabana, de Luján, de Lourdes, de Fátima, Aparecida, etc.) - que ia pouco a pouco tomando proporções verdadeiramente agigantadas e quase que substituindo - ao menos em termos de proximidade, confiança, intimidade - a relação a Jesus Cristo e ao próprio Deus Pai. Muito concretamente no Brasil, Maria é de longe a mais venerada entre todos os santos, amada com ternura filial, repositório de todos os pedidos, desejos e esperanças do povo, sobretudo o mais pobre e sofrido.

Sobre esta devoção não se pode falar superficial nem apressadamente. O povo católico mais simples, especialmente e inclusive por ser pobre, carente e sofrido em várias das dimensões de sua vida, busca em Maria um "sustento", um "apoio" que lhe permite esperar, para além de toda possibilidade material e concreta de esperança, que a última palavra sobre a vida não se reduza ao nível do visível e do tangível no dia-a-dia da história, mas encontre seu referencial em algo ou alguém - uma transcendência que se revela na temporalidade, mas por ela não é esgotada - que ajude a interpretar a vida, a sentir-se acompanhado e não abandonado, por piores que sejam as circunstâncias e as tragédias que acontecem.

Para este povo, Maria representa e simboliza esta esperança: é a mãe, a protetora, aquela que não abandona seus filhos e que pode facilmente ser invocada. Aquela cuja presença é sentida e apalpada no consolo do coração, na segurança trazida pela recitação das

ladainhas, da reza do terço, e de todas as litanias que a criatividade popular inventa. Tão perfeita maternidade - no sentido que a cultura deu a este termo e no sentido que o inconsciente humano atribuiu ao arquétipo do desencadear da vida desde sempre desejado pela humanidade - é explicavelmente sentida como mais que humana, como quase divina e, ainda que assim não seja sempre dito e verbalizado, como realmente divina.

Corre-se com isso um risco de que essa devoção Mariana de nosso povo possa tolher a possibilidade de progredir e caminhar na dimensão humana, criatural e "carnal" de Maria, que é a que verdadeiramente corresponde ao dado revelado e ao ensinamento oficial da Igreja?

Mais ainda: o exagero do culto e da devoção mariana ajuda todo o processo de libertação da mulher que vem se processando com cada vez maior força tanto dentro da Igreja como na sociedade como um todo? Esta Maria assim entendida - mais como ser divino ou semidivino e menos como criatura de Deus - pode oferecer uma pista fecunda para uma reflexão sobre Deus na ótica da mulher que responda aos anseios dos tempos e das pessoas de hoje?

A "substituição" realizada durante muito tempo pela Igreja deste lado de cá do mundo deu forte destaque à pessoa de Maria para compensar a ausência sentida do Espírito Santo. Hoje, por um lado, a volta do Espírito Santo à linha de frente da reflexão teológica e eclesial traz novas possibilidades de se pensar Maria. E também de pensar e sentir Deus. Não a partir de Maria, mas no seu correto lugar e na sua adequada perspectiva: a comunidade divina trinitária, onde Deus se revela ao mesmo tempo uno e plural, integrador de todas as dicotomias e insuficiências do humano, inclusive aquelas que impedem a feliz expressão do que seja o mistério do masculino e do feminino, mistério de diferença e reciprocidade.

Assim, Maria pode continuar a ser o que sempre foi para o povo brasileiro e latinoamericano: a Mãe amorosa e desvelada que cuida dos seus e por eles é chamada dos mais carinhosos nomes, para quem são erguidos os mais lindos santuários e celebradas as mais empolgantes festas. Maria, a mãe de Jesus, é mãe também e para sempre de todo o povo do Brasil que a ela se dirige sem cessar nos momentos de angústia e de alegria.